

Educação e competitividade

Em seu respeitável levantamento anual sobre a competitividade das maiores economias do mundo, o **World Economic Forum** revela que o Brasil cada vez mais perde terreno para os países de industrialização recente. No relatório de 1992, o lugar por nós ocupado no ano anterior acabou sendo tomado pela Índia, por causa de sua abertura ao capital estrangeiro e dos maciços investimentos efetuados em matéria de desenvolvimento cultural, científico e tecnológico.

Além de haver aumentado a distância que nos separa dos tigres asiáticos, também fomos ultrapassados pelo México, pela Venezuela e pela África do Sul — países que não têm poupado esforços para se modernizar, abrindo suas fronteiras para o mundo desenvolvido, reformulando suas instituições governamentais e concentrando seu potencial em ambiciosos programas de capacitação de seus recursos humanos. Atrás de nós, entre as nações de industrialização recente, ficaram somente a Hungria e o Paquistão, que não conseguiram registrar um desempenho econômico satisfatório por causa de suas crises políticas internas.

A respeitabilidade dos relatórios do **World Economic Forum** decorre dos critérios utilizados para se efetuar esse tipo de classificação. Seus autores avaliam o potencial de competição de cada país no mercado global levando em conta o tamanho de sua economia, os níveis de sua produção industrial e agropecuária, o volume de suas importações e de suas exportações, seus investimentos em pesquisa científica de ponta, seu nível de alfabetização, seus programas de treinamento de mão-de-obra e o grau de integração entre a iniciativa privada e as instituições educacionais.

Embora o Brasil tenha conseguido manter nos últimos anos seus níveis de produção industrial e agropecuária, ele perdeu espaço entre as nações de industrialização recente por causa de seu desempenho médio-

cre em matéria de alfabetização, qualificação profissional e desenvolvimento tecnológico. De todas as nações avaliadas pelo **World Economic Forum**, contamos com o menor grau de integração entre as empresas privadas e a rede de ensino, em todos seus níveis; chegamos em penúltimo lugar em termos de importação e gerência de tecnologia; e estamos entre os “lanterninhas” em matéria de capacitação de nossos recursos humanos. Fracassando nessas áreas vitais, a economia brasileira não tem conseguido melhorar a relação entre o preço e a qualidade de seus produtos, correndo assim o risco de perder mercado para economias bem mais competitivas que se desenvolveram décadas após a consolidação de nosso processo de industrialização.

Essas inquietantes conclusões do levantamento do **World Economic Forum** devem servir de advertência para nossos dirigentes, para nossos políticos e para nossos líderes empresariais e trabalhistas. Elas nos mostram que, se não reformularmos imediatamente nosso sistema educacional, se não revitalizarmos o quanto antes nossas instituições de pesquisa científica e se não integrarmos urgentemente a iniciativa privada com a Universidade, seremos inexoravelmente expulsos de um comércio internacional em que as disputas são cada vez mais acirradas. O que esse relatório nos mostra é o que sempre dissemos nestas colunas: a qualificação dos recursos humanos é tão essencial quanto a revolução científica ou tecnológica. Mesmo porque esta depende daquela. Ou nos conscientizarmos de uma vez por todas desse fato, mobilizando-nos para promover em curto espaço de tempo uma ampla revolução educacional, ou, infelizmente, acabaremos sendo classificados nas próximas pesquisas do **World Economic Forum** entre os países mais atrasados do Planeta, ao lado das nações africanas.